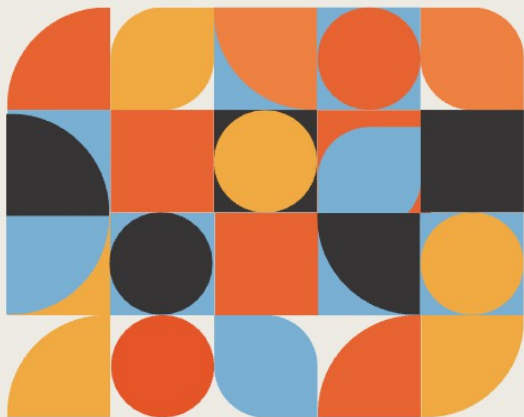




AS COSTUREIRAS DO GRAJAÚ: O VALOR DA COSTURA NO BAIRRO PERIFÉRICO.

Sousa Clemente, Leticia; Bacharel; Centro Universitário Senac; leticia.clemente6@gmail.com¹
Mendonça Alves, Ana Paula; Mestrado; Centro Universitário Senac; anapaula.mendonca@gmail.com²

THE SEAMSTRESSES OF GRAJAÚ: THE VALUE OF SEWING IN THE OUTSKIRTS NEIGHBORHOOD.

Resumo: Este artigo tem como intuito investigar a importância da costura em um bairro periférico, com foco nas costureiras locais que atuam de forma autônoma. A partir disso, a pesquisa, baseada em entrevistas e estudos históricos, destaca a costura como meio de sobrevivência e busca valorizá-la de forma cultural e socioeconômica por meio de oficinas realizadas, que incentivem a transmissão dos conhecimentos e o interesse pela profissão, tanto no âmbito profissional quanto pessoal.

Palavras chave: Trajetória; Valorização; Oficina.

Abstract: This article aims to investigate the importance of sewing in a peripheral neighborhood, focusing on local seamstresses who work independently. Based on interviews and historical research, the study highlights sewing as a means of survival and seeks to culturally and socioeconomically value the craft through workshops that promote the transmission of knowledge and encourage interest in the profession, both for professional and personal purposes.

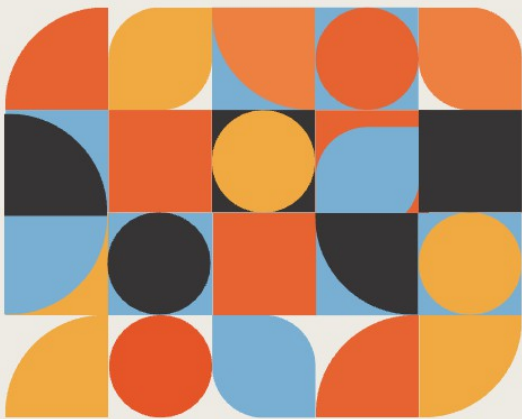
Keywords: Trajectory; Appreciation; Workshop.

Introdução

O presente trabalho de finalização do curso tem como foco abordar a importância da costura, comentando sobre sua trajetória e a vida das mulheres que realizam este trabalho, tendo como foco a desvalorização progressiva que este ofício sofre ao longo do tempo. Uma pesquisa realizada pela Aliança Empreendedora, em 2023, com 140 costureiras autônomas, revelou que mais de 50% desses profissionais não se sentem valorizados. Esse sentimento está vinculado à baixa remuneração e ao reconhecimento pelo trabalho.

¹ Leticia Sousa é formada em design de moda, pelo centro universitário Senac Santo Amaro.

² Ana Paula Mendonça é docente do curso de Design de Moda no centro Universitário SENAC. Mestre em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, especialista em Docência no Ensino Superior e graduada em Design de Moda - Habilitação em Modelagem pelo Centro Universitário Senac.



A partir disso, o objetivo principal deste artigo é analisar e compreender a relevância da costura na vida de mulheres que exercem a profissão de forma autônoma, destacando a importância do vasto conhecimento adquirido por elas ao longo do tempo e seu impacto socioeconômico, cultural e profissional em suas vidas.

Para que fosse possível ter um entendimento maior, foi realizada uma linha cronológica da costura na cidade de São Paulo, utilizando como uma das bases teóricas o livro “Fazer roupa virou moda”, da autora Wanda Maleronka, que aborda a trajetória da costura na cidade de São Paulo durante o século XX. Além disso, foi realizada uma série de entrevistas com costureiras do bairro do Grajaú como método de pesquisa qualitativo, para analisar suas trajetórias e opiniões com relação ao valor da costura e seu futuro.

Com base em todas essas informações, é possível compreender a real natureza e ligação da costura na vida dessas mulheres, e como esse ofício pode ser transmitido para mais pessoas, não apenas como uma forma de empreendedorismo, mas também como uma realização pessoal.

2. Um olhar para a costura e suas costureiras.

Este trabalho de conclusão de curso se inicia investigando a trajetória da costura em São Paulo, dando destaque à sua evolução desde os tempos coloniais até os dias atuais. Pode-se compreender que, desde o início, a costura foi uma forma de sobrevivência para as mulheres, desde o período colonial, realizada por mulheres escravizadas, até os dias atuais, nos quais é exercida majoritariamente por mulheres das classes mais populares, principalmente em suas casas.

Em geral, as costureiras trabalhavam na própria moradia. Com as casas nos meios populares eram de construção bem simples e não contavam com uma área reservada ao ofício, colocava-se a máquina de costura sempre perto da janela, a fim de que recebesse maior luminosidade. (Maleronka, 2009, p.131).

Com o aumento da expansão industrial têxtil (Figura 1), a mão de obra feminina aumentou conseqüentemente, porém as condições de trabalho eram precárias e os salários, baixos. Muitas delas viram o trabalho autônomo como um meio melhor de sobreviver. Assim, passaram a trabalhar em suas casas, em cômodos pequenos e simples. Grande parte dos serviços que realizavam vinham de grandes confecções ou de pessoas em busca de consertos ou de peças feitas sob medida.



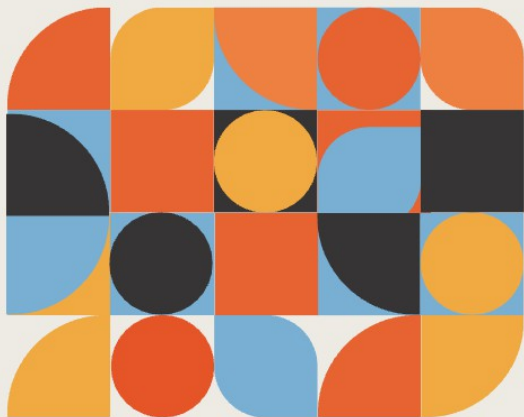


Figura 1: Mulheres costurando em uma fábrica de almofadas.



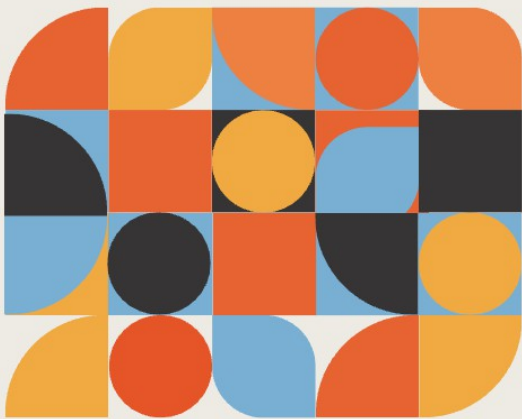
Fonte: Fakini.³

Maleronka (2007, p.49) “[...] apesar de existir muitas mulheres sobrevivendo do ofício, o mundo das "costureirinhas" dos bairros e de "fundo de quintal" passou despercebido para grande parte daqueles que registraram a história da cidade.”, Mesmo sendo um ofício muito buscado, ainda existe uma grande falta de reconhecimento e valorização, principalmente por parte da sociedade, e o fato de terem passado despercebidas pela história comprova esse descaso.

2.1 Costureiras de bairro: entrevista com as costureiras do Grajaú.

A partir dessa percepção histórica, para se ter um olhar melhor e entendível sobre as carreiras e vivências atuais das próprias mulheres que exercem esse ofício, foi realizado quatro entrevistas com costureiras do bairro grajaú (Figura 2), por meio de um método qualitativo, para que assim por meio delas fosse possível compreender de uma forma melhor os seus olhares para a costura, principalmente no âmbito atual.

³ Disponível em: <https://fakinimalhas.wordpress.com/2018/06/05/historia-da-costura/>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2025



20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 2: Representação do Grajaú.

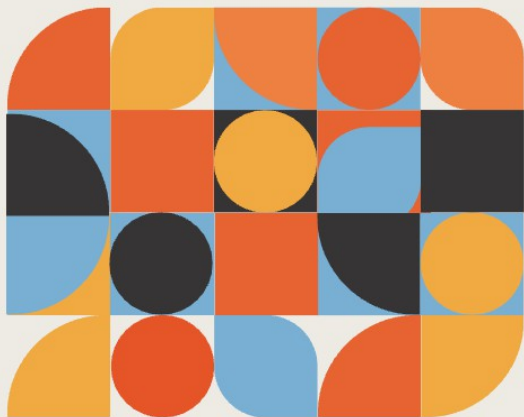


Fonte: Map of São Paulo.

Para poder realizar as entrevistas, foi realizado ao todo 14 perguntas semiestruturadas, na qual foram separadas em 4 tópicos, para um melhor entendimento, sendo eles: Entender sua trajetória na costura; compreender sua história com o bairro; ver a sua ligação com o ofício; e por fim saber como elas preferem realizar seu ofício. Estas perguntas acabaram sendo usadas mais como uma base, pois o principal intuito das entrevistas era poder ouvir e entender um pouco desta parte da vida delas, de uma forma mais fluida e tranquila.

Ao todo foram realizadas quatro entrevistas com costureiras autônomas sendo elas: Maria Analia de Sousa, Rita Ferreira, Rosangela Santos, Solange Andrade. Pode-se compreender durante as análises das entrevistadas, que elas possuem um olhar muito parecido para a costura, tanto em suas vidas como para o próprio futuro dela. Um exemplo é quando conversado com elas como foi a forma de aprendizado, elas





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

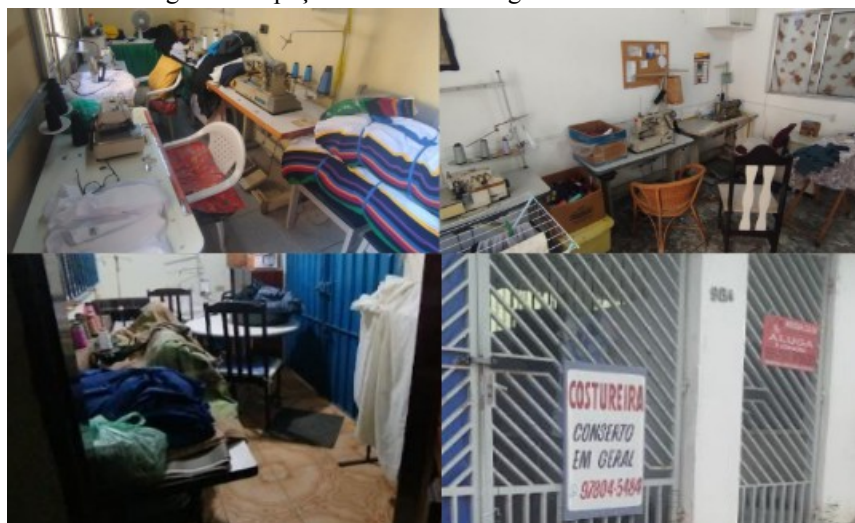
FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

informaram que acabam aprendendo de forma autônoma “Eu comecei como ajudante e aprendi por conta própria.” (Santos, 2025) ou foi pela passagem de conhecimento geracional, de mãe para filha, “Eu aprendi a costurar com a minha mãe me ensinando numa maquinazinha [sic] de pedal.”, (Sousa, 2025).

Após realizarem uma trajetória trabalhando em confecções a fora, acabou que optaram por realizar seus ofícios de forma autônoma em suas casas, as entrevistadas, possuem um espaço pequeno em suas casas onde conseguem realizar seus concertos ou confecções de peças, e como são mulheres de idades mais avançadas, para divulgarem seus trabalhos, elas optaram, pelo boca a boca, ou por placas em frente às suas casas (Figura 3).

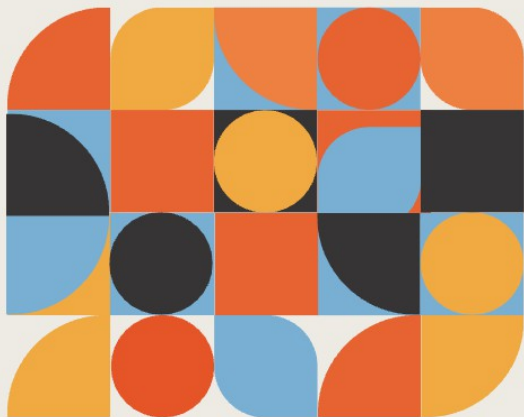
Figura 3: Espaço de trabalho de algumas entrevistadas.



Fonte: Autoria própria.

Mesmo as entrevistadas tendo um grande apreço por sua profissão, ainda assim elas perceberam que as pessoas não valorizam tanto o ofício, “Elas acham caro o que eu cobro. Eu não cobro nem caro. Eu cobro 70 reais por pessoa. Depende de duas horas. Duas horas eu corto uma saia e você faz em uma hora uma saia.”(Ferreira, 2025), principalmente na parte de remuneração, elas informaram que na maior parte das vezes, os clientes solicitam a diminuição do valor do trabalho, porém acaba que por ser um trabalho autônomo, muitas das pessoas não tem tanto uma percepção, de que a cada concerto realizada, possui tempo, energia, processo, entre outras coisas, que acabam influenciando no resultado final.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Tendo em mente toda a trajetória dessas mulheres e suas vivências, foi perguntado, para elas o seu olhar para o futuro desta profissão, no quesito se existem a possibilidade de passar esse ensinamentos para os jovens de hoje, a resposta delas acabou sendo unânime, “Ah, eu acho interessante, né? Mas só que eu não acho que eles se interessem muito, não.” (Santos, 2025), todas acreditam que a passagem do ensino, até por meio de oficina é uma ideia boa, porém elas não veem os jovens tendo interesse em aprender esse ofício.

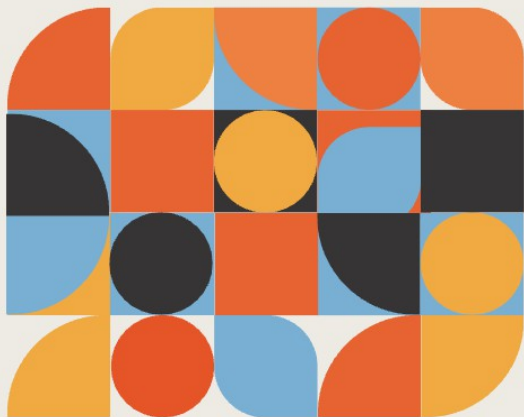
3. Oficinas de costura como meio de ensino.

Tendo em vista tudo que foi abordado durante as entrevistas, para poder compreender melhor na prática, o como a costura pode ser um diferencial no dia a dia das pessoas, foi realizado três propostas de oficinas (oficina de costura a mão, oficina de costura para iniciantes e oficina de bordado), na qual tinham a acompanhadas um fichário para cada uma contendo, as amostras e produtos que seriam ensinados, junto com uma ficha técnica destes produtos.

Após uma série de pesquisas por locais, e reuniões mostrando as propostas e dialogando, acabou que três locais (Instituto da Mulheres do Grajaú, Casa da Mulher e Centro Cultural Grajaú) aceitaram a ideia da realização das oficinas, sendo que a oficina escolhida para ser posta em prática, foi a de costura a mão, tendo em mente o tempo que seria realizado e os materiais que tinham em mãos.

Foi proposto que as oficinas ocorressem durante 4 dias em cada lugar, acabou que em um dos locais, houve-se o aumento de um dia, para que assim fosse possível a finalização das atividades propostas. Ao todo as oficinas foram bem realizadas, mesmo os locais sendo diferentes, o público como um todo foram mulheres de idade acima de 30 anos, apenas no Centro Cultural Grajaú, que o público foi de mulheres de 20 até 25 anos (Figura 4).





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 4: Oficinas de costura.



Fonte: Autoria própria.

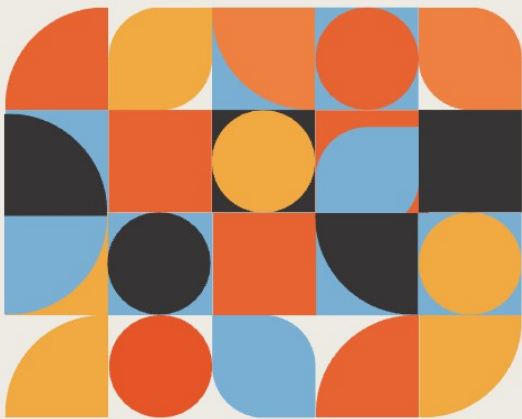
Mesmo os locais sendo diferentes os resultados foram muito parecidos, como um todo no início algumas das alunas tiveram um pouco de dificuldade para conseguirem pegar o ritmo dos pontos, porém com o passar do tempo, elas começaram a se encaminhar muito bem, o interessante foi que durante as aulas, acabavam que elas se ajudavam, quando alguma delas tinha alguma dificuldade, demonstrando uma interação social e um vínculo entre elas, além de acabarem se ajudando a entender mais ainda o processo de realização das costuras, por fim o mais interessante foi o auto entendimento delas, de que a prática da costura a mão, acaba auxiliando elas na busca pela paciência e na criatividade, e principalmente na manualidade.

Considerações Finais

Pode-se concluir, com tudo que foi abordado, que as costureiras de bairro enfrentam desafios e acumulam um vasto conhecimento adquirido na prática ao longo dos anos. A costura se mostrou não apenas um ofício, mas também uma prática cultural e afetiva, que atua como ferramenta de empoderamento, geração de renda e troca de saberes.

Ao todo o resultado geral deste trabalho, foi que a costura vai muito além de uma forma de trabalho, ela também pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades como paciência, concentração e coordenação motora, transformando ela numa potencial prática educativa para diferentes faixas etárias. Por tanto, o estudo reforça





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

que a costura deve ser valorizada, não apenas como profissão, mas também como meio de transformação pessoal e social.

Referências

ANTUNIS, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006. 528 p. CATAIA, Márcio; SANTOS, Luiz dos; CATAIA, Marcio. Circuito inferior da economia urbana e trabalho feminino no centro de São Paulo: a pobreza nas pequenas oficinas de costura do brás, bom retiro e pari. Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da Unicamp, Campinas, v. 1, n. 27, p. 1-1, 30 nov. 2019. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/revpibic2720192971>. Disponível em: [file:///D:/Leituras/2971-Resumo-8824-2-10-20200210%20\(2\).pdf](file:///D:/Leituras/2971-Resumo-8824-2-10-20200210%20(2).pdf). Acesso em: 17 fev. 2025.

LEITE, M. de P. **Tecendo a precarização**: gênero, trabalho e emprego na indústria de confecções de São Paulo. Rev. Trabalho, Educação e Saúde, v. 1, n. 2, p. 239 265, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/gzWZChZQbdRtxKBCtjyb7fx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2025.

MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher (são paulo 1920 - 1950). São Paulo: Senac Sp, 2009. 232 p.

SILVA, Carlos Freire da. **Trabalho Informal e Redes de Subcontratação**: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em são paulo. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Departamento de Sociologia Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008. Cap. 4. Disponível em: file:///D:/Leituras/CARLOS FREIRE_DA_SILVA.pdf. Acesso em: 17 fev. 2025.

